



No coração da celebração eucarística, há um momento que, à primeira vista, pode parecer breve ou até secundário, mas que na realidade encerra uma imensa profundidade espiritual: a apresentação das ofertas. Não se trata apenas de levar pão e vinho ao altar. Trata-se, na verdade, de um gesto que recolhe toda a vida humana, a purifica na gratidão e a eleva a Deus.

Este rito, profundamente enraizado na tradição bíblica, tem as suas raízes nas antigas ofertas do povo de Israel, quando se apresentavam a Deus as primícias da terra. Essas primeiras colheitas não eram simplesmente um ato agrícola ou económico: eram uma profissão de fé. O povo reconhecia que tudo vinha de Deus e que Ele é o Senhor da história, da terra e do coração humano.

Hoje, na liturgia da Igreja, este gesto permanece vivo. A **Instrução Geral do Missal Romano (140)** recorda-nos que é conveniente que os fiéis participem ativamente levando o pão e o vinho, ou ainda outros dons destinados à Igreja e aos pobres. Mas, para além do gesto visível, o que se realiza é uma profunda ação espiritual: toda a comunidade se põe em movimento em direção a Deus.

Um povo que caminha oferecendo

A procissão das ofertas não é um simples transporte de objetos. É o sinal de uma Igreja em caminho. Os fiéis avançam no templo levando nas suas mãos aquilo que representa a sua vida: o trabalho, o esforço, as alegrias, as lutas, as esperanças. Tudo isso sobe ao altar.

Neste movimento, a comunidade toma consciência de algo fundamental: está envolvida pela graça. Nada do que oferece lhe pertence exclusivamente. O pão e o vinho são fruto da terra e do trabalho humano, mas sobretudo são fruto da bênção divina. Aqui se rompe uma das grandes ilusões modernas: a ideia de que o homem é o proprietário absoluto do que possui.

Apresentar as ofertas é, portanto, um ato de humildade e de verdade. É reconhecer que tudo é dom.

A gratidão que transforma

Numa sociedade marcada pela pressa, pelo consumo e pela autossuficiência, este gesto litúrgico torna-se uma verdadeira escola espiritual. Ensina-nos a viver na gratidão.

O homem moderno tende a apropriar-se de tudo: do tempo, do sucesso, dos bens, até das pessoas. No entanto, na Eucaristia, aprende a devolver. E não o faz com tristeza ou



resignação, mas com alegria. Porque quem oferece a Deus não perde: entra em comunhão.

A apresentação das ofertas é, neste sentido, uma verdadeira **profissão de fé em ato**. Sem palavras, o crente proclama: “Tudo o que recebi vem de Ti, Senhor, e tudo Te devolvo com gratidão.”

E aqui acontece algo profundamente misterioso: Deus toma aquilo que o homem oferece — limitado, imperfeito, pequeno — e transforma-o em algo infinitamente maior. O pão e o vinho tornar-se-ão o Corpo e o Sangue de Cristo. Mas também o coração de quem oferece será transformado.

Oferecer para entrar em comunhão

Este gesto não nos une apenas a Deus; une-nos também aos irmãos. A apresentação de outros dons — destinados aos pobres ou às necessidades da Igreja — revela a dimensão social da Eucaristia.

Não há verdadeira oferta sem caridade. Não há autêntica comunhão com Deus se não houver comunhão com os outros.

Neste sentido, a liturgia educa o coração. Liberta-nos da posse egoísta e introduz-nos na lógica do dom. Aprendemos que privar-nos de algo não nos empobrece, mas nos enriquece na comunhão. Aquilo que deixamos de guardar para nós torna-se vida para os outros.

Aqui ressoa com força o testemunho da Igreja primitiva, narrado nos Atos dos Apóstolos: uma comunidade em que ninguém passava necessidade, porque tudo era partilhado. Não era uma utopia social, mas o fruto de uma vida eucarística autêntica.

A pobreza que atrai a graça

Ao apresentar as ofertas, o homem não exprime apenas a sua gratidão, mas também a sua pobreza. Reconhece que precisa constantemente de Deus, que tudo lhe é dado por Ele.

E, paradoxalmente, é precisamente esta pobreza que atrai a fecundidade divina. A gratidão do pobre — daquele que sabe que tudo é graça — torna-se princípio de novas bênçãos. Cada ação de graças abre a porta a uma comunhão renovada com Deus.

Aqui está uma chave espiritual decisiva: quem agradece recebe mais. Não porque Deus “deva” algo, mas porque o coração agradecido está preparado para acolher a graça.



Uma escola de liberdade e fraternidade

A apresentação das ofertas é também uma escola de liberdade interior. Num mundo onde a felicidade é frequentemente identificada com a acumulação, a liturgia ensina o contrário: a verdadeira alegria encontra-se em dar.

Não é a privação que produz a alegria, mas a comunhão que nasce do dom. Quando o “eu” se abre ao “nós”, surge uma alegria nova — mais profunda, mais autêntica.

Assim, este gesto litúrgico forma uma comunidade verdadeiramente cristã, onde a reciprocidade, a solidariedade e a fraternidade não são ideais abstratos, mas realidades vividas.

Pode-se dizer que se cria um verdadeiro clima “messiânico”: uma antecipação do Reino de Deus, onde tudo está orientado para a comunhão.

Da vida ao altar... e do altar à vida

A liturgia não está separada da vida. Pelo contrário, nasce dela e transforma-a. A apresentação das ofertas recolhe o que é ordinário — o trabalho, o esforço, as relações — e eleva-o a Deus. E depois, a partir do altar, a graça regressa à vida para a tornar fecunda.

Cada momento vivido com gratidão torna-se uma oferta. Cada ato de amor, cada sacrifício, cada serviço pode ser espiritualmente apresentado na Eucaristia.

Deste modo, toda a existência adquire um caráter eucarístico.

Cristo, a oferta perfeita

Por fim, este gesto encontra o seu pleno significado em Cristo. Porque na Eucaristia não oferecemos simplesmente coisas: unimo-nos à oferta de Cristo, que Se entrega totalmente ao Pai.

Ele não oferece algo exterior a Si mesmo. Oferece-Se a Si mesmo.

E nesta entrega total, reúne a humanidade dispersa e introduz-la na comunhão divina.

Assim, quando apresentamos as ofertas, expressamos algo muito profundo: queremos unir a nossa vida à de Cristo, queremos que tudo o que somos seja transformado pelo Seu amor, queremos participar na Sua entrega.



Apresentar as ofertas não é apenas mais um rito. É o momento em que toda a vida do crente sobe ao altar. É o instante em que o coração aprende a agradecer, a partilhar, a confiar. É o início de uma transformação que culmina na comunhão.

E talvez, se o vivêssemos com plena consciência, descobriríamos que neste gesto simples se esconde uma das maiores chaves da vida cristã:

tudo é dom... e tudo é chamado a tornar-se oferta.